

Bancos acham que país obterá maior prazo para pagar

Nova Iorque — UPI

São Paulo — O Brasil terá condições de renegociar prazos maiores para o pagamento de sua dívida externa, no próximo round de entendimentos entre autoridades e os bancos internacionais, a ser iniciado no último trimestre do ano. Foi o que asseguraram banqueiros ligados aos Manufacturers Hanover, American Express e ao Fortex Internacional (entidade que reúne os representantes de bancos estrangeiros junto à Federação Brasileira das Associações de Bancos—Febraban).

Dos banqueiros consultados durante a semana, somente o vice-presidente do Banco de Tóquio no Brasil, Tatsuo Hironuma (sua organização lidera as renegociações da dívida externa brasileira na Ásia), considera difícil o aumento de prazo, porque a captação de recursos por parte dos bancos japoneses tem um prazo curto. Mas outro banqueiro japonês, o representante do Mitsui Bank, Yoichi Soda, admite a viabilidade de uma renegociação com prazo de 15 anos.

Renegociação

O vice-presidente executivo da divisão internacional do Manufacturers Hanover Trust Company — quarto maior banco dos Estados Unidos — Donald McCouch, acredita que o Brasil conseguirá prazos maiores na renegociação de sua dívida externa, observando que “a boa prática bancária e o bom senso determinam que, quando um devedor soberano realiza progresso nos seus programas de ajustamento, este fato deverá se refletir em melhores condições financeiras e em maiores prazos”.

— Isto vem ocorrendo atualmente e a perspectiva particular para o Brasil é positiva — afirmou McCouch.

A opinião de McCouch é a mesma do vice-presidente senior do American Express no Brasil, Robert Barbour, para quem “não há dúvidas de que o país terá condições de conseguir prazos maiores, e a razão principal para isso é o superávit que vem alcançando na balança comercial”.

O presidente do Forex Internacional e presidente do Banco Sogeral (associado ao Société Generale, na França), Elmo Camões Araújo, observou que, hoje, é pensamento geral da comunidade bancária que o Brasil terá sua dívida renegociada em prazos maiores.

— É preciso que se acabe com o sofrimento da renegociação anual da dívida. Isso só traz transtornos a todos. Sinto que a comunidade bancária internacional que está no país reflete o pensamento de suas matrizes, favorável à renegociação mais ampla da dívida externa brasileira — afirmou o presidente do Sogeral.

Juros internacionais

Quanto às taxas internacionais de juros, os banqueiros acreditam que se manterá em alta.

Segundo o vice-presidente do American Express, Robert Barbour, os economistas de sua organização continuam considerando como possível o índice de 15% para a prime rate até o final do ano.

Donald McCouch, do Manufacturers Hanover, considera que as taxas de juros de curto prazo estão próximas do seu ponto máximo. Segundo ele, a inflação permanece baixa nos Estados Unidos com os preços atualmente crescendo “nas menores porcentagens dos últimos 20 anos, com tendências de que isto continue”.

— Contudo, na medida em que os mercados financeiros continuarem a concentrar-se no déficit federal dos Estados Unidos, a atenuação das taxas dependerá da disposição de Washington de ajustar sua política fiscal. Nos Estados Unidos, contamos com algum progresso, talvez mesmo durante este ano eleitoral. Se isto acontecer, nós admitimos uma tendência decrescente nas taxas de juros — afirmou McCouch.

Entre os bancos japoneses, há uma crença de que a prime poderá chegar até a 15% este ano, conforme afirmaram o vice-presidente do Banco de Tóquio, Tatsuo Hironuma, e o diretor do Mitsui Bank, Yoichi Soda.

Preocupações dos banqueiros

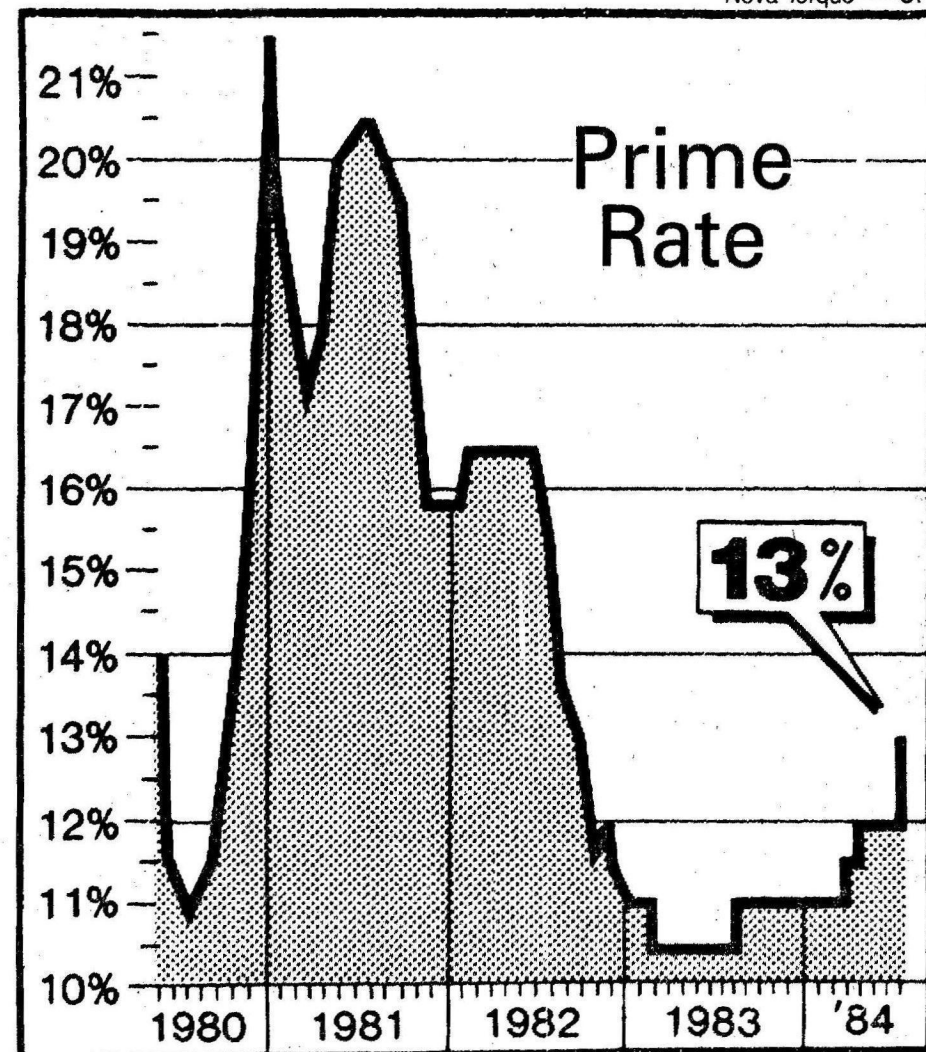
As principais preocupações dos banqueiros internacionais que trabalham no Brasil estão ligadas à indefinição sobre a escolha do sucessor do atual Presidente da República, e a inflação que permanece alta. De acordo com Elmo Camões de Araújo, os bancos estrangeiros estão prevendo que a inflação no país terminará o ano com índice entre 190% a 195%.

Barbour, do American Express, destaca como preocupação apenas a indefinição política, porque acredita em redução da inflação. Yoichi Soda e Tatsuo Hironuma também prevêem uma pequena redução da inflação.

— Esta indefinição política, para mim, é o que está atrapalhando o País e creio que esta é a opinião da maioria dos banqueiros estrangeiros — ressaltou o presidente do Forex, Elmo Araújo.

McCouch, do Manufacturers Hanover é mais otimista e ressaltou: “O Brasil realizou substanciais progressos. No período de um ano, o país reduziu em mais da metade seu déficit em conta corrente, saindo dos 16 bilhões de dólares para os 6 bilhões de dólares”.

O banqueiro norte-americano entende que “o programa de ajustamento econômico tem sido doloroso, mas também tem sido produtivo, ajudando a estabelecer as bases para um crescimento firme e sustentável”.



A alta da “prime” para 13%, que elevou os ônus para países endividados, em nenhum momento mereceu referência de Reagan